

O medo do "buraco negro"

14 OUT 1989
Ricardo Noblat



Os ministros Mailson da Nóbrega, da Fazenda, João Batista de Abreu, do Planejamento, e Dorothea Werneck, do Trabalho, se reuniram ontem pela manhã e conversaram com muito bom humor sobre as declarações do ministro Saulo Ramos, da Justiça, publicadas pelo jornal *O Globo*. Saulo reclamou do orçamento apertado que tem e que não lhe permitiria comprar, sequer, pares de algemas para "prender" os "economistas".

Saulo bateu duro na equipe econômica do governo, sem citá-la diretamente. E lamentou a curva ascendente da inflação. Mailson, João Batista e Dorothea estão cansados de saber que seu colega da Justiça integra a ala do governo que deseja vê-los pelas costas logo, logo — se possível, assim que terminar o primeiro turno da eleição presidencial. O presidente José Sarney não está alheio à manobra para reformar o ministério.

Como sempre, deixa as manobras em curso ao seu redor prosperarem para depois adotar alguma posição — para um lado ou para o outro. Procedeu assim nos últimos quatro anos e está muito velho para mudar. Os três ministros da área econômica não se incomodariam nem um pouco se, de repente, fossem mandados embora. João Batista é o que está mais interessado em sair. Mailson acha que o trabalho dele para segurar a inflação acaba daqui a um mês.

A partir de 15 de novembro, ou de poucos dias depois, conhecido o resultado do primeiro turno da eleição, Mailson imagina que pouco terá que fazer para manter a inflação abaixo de 40% — ou para impedir que ela dispare novamente. A inflação irá alimentar-se das expectativas da sociedade em relação ao possível sucessor do presidente Sarney. Se os classificados para disputar o segundo turno forem políticos moderados, muito bem.

A inflação poderá não subir tanto assim. Se os dois, ou se um deles tiver um perfil político radical, não haverá ministro da Fazenda, segundo Mailson, que evite a disparada do dólar e do ouro. A ocorrência de tal coisa refletirá, necessariamente, sobre o

movimento de compra de papéis do governo. Sarney está atento ao cenário pessimista que poderá vingar. Um novo congelamento é tudo que freqüenta a cabeça dele.

O clima de nervosismo que se adensa nos meios financeiros tem menos a ver, na verdade, com a possibilidade da eleição de um presidente apoiado por forças de esquerda — ou de esquerda ele mesmo. O nervosismo tem sua causa original no espaço que haverá entre a eleição do novo presidente e a posse dele. O "buraco negro" de 15 de novembro a 15 de março do próximo ano pode precipitar a hiperinflação e engolir o atual governo.

Os ministros da Fazenda, do Planejamento e do Trabalho não podem admitir de público — mas em particular defendem a antecipação da posse do sucessor do presidente Sarney. Com discrição, o governo examina a hipótese que já atraiu a simpatia de dona Marly, a mulher do presidente.